



## O processo criativo de Simões Lopes Neto

Heloisa Sousa Pinto Netto\*

**Resumo:** O presente trabalho pretende apontar indícios dentro da obra de João Simões Lopes Neto (1865-1916) que levem à reflexão sobre seu processo criativo. O fato de haver relativa falta de documentação sobre a criação do pelotense não impede que se faça um apanhado sobre o que pensava e pretendia o autor de *Contos Gauchescos*, de *Lendas do Sul* e de mais uma série de obras significativas que, certamente, o colocam no patamar dos grandes escritores do século XX. A intenção aqui é apresentar algumas passagens da obra de Simões Lopes Neto em que o autor comenta ou explica a forma como concebeu seus livros, assim como o objetivo de sua criação literária. O período observado será de 1904 a 1916, ano de sua morte, e não será objeto deste estudo a produção teatral e nem a maior parte da jornalística – exceção feita à seção *Inquéritos em contraste*, do jornal *A Opinião Pública*. Além de suas obras mais conhecidas, algumas conferências proferidas farão parte do conjunto analisado. Prefácios, pró-memórias, introduções, além de muitas notas inseridas em grande parte de sua produção literária, possibilitam que se tenha uma ideia, se não especificamente de seu processo criativo, de algumas de suas características como escritor; características estas que demonstram sua preocupação com a formação do leitor, com a função da literatura, com o resgate da tradição popular, e vem comprovar o quanto ele esteve à frente de seu tempo.

**Palavras-chave:** Simões Lopes Neto; jornalista; folclorista; escritor

**Abstract:** The present paper intends to point evidences in João Simões Lopes Neto's work (1865 - 1916) that incite the reflection on his creative process. The fact of having relatively little documentation about the creations of the writer from Pelotas does not hinder the research on the thoughts and intentions of the author of *Contos Gauchescos*, *Lendas do Sul*, and a series of other relevant works which put him, certainly, in the level of the great authors of the 20th century. The intention here is to present some extracts of Simões Lopes Neto's texts in which he comments on or explains the way through which his books were conceived, as well as the objective of his literary creation. The period observed will be from 1904 to 1916, the year of his death, and neither his dramatic production, nor most of his journalistic texts – apart from the section *Inquéritos em Contraste*, from the newspaper *A Opinião Pública* – will be objects to this study. Beyond his most acknowledged works, some conferences he issued will be in the corpus analyzed. Prefaces, pro-memories, introductions, apart from many notes inserted in most of his literary production, make it possible to have an idea, if not specifically of his creative process, of some of his characteristics as a writer, which demonstrate his worries with the formation of the reader, with the function of literature, with the recovery of folklore, and which prove he was ahead of his time.

**Keywords:** Simões Lopes Neto; journalist; folklorist; writer.

### 1 A vida de João Simões Lopes Neto

O escritor João Simões Lopes Neto nasceu na estância da Graça, propriedade de sua família nos arredores de Pelotas, Rio Grande do Sul, em nove de março de 1865. Seu avô, João Simões Lopes Filho, o Visconde da Graça, era homem influente e de muitas posses, foi vice-presidente da província, em 1885, e chegou a emprestar boa quantia em dinheiro ao

\* Graduada em Língua e Literatura Italianas (UFRGS). Mestranda em Literatura Brasileira (UFRGS - bolsista CAPES). Coordenadora do projeto de extensão UniVerso - Programa cultural do Campus do Vale.

estado, sem juro, em 1870. De seu primeiro casamento nasceu Catão Bonifácio Lopes, pai de nosso escritor, um homem do campo que também frequentava a cidade e, em razão disto, mesclava hábitos refinados a um comportamento de sujeito ligado à vida campeira.

É neste ambiente plural, decorrente das propícias condições econômicas de sua família, que cresceu João Simões Lopes Neto, o primeiro neto varão do visconde. Até a idade de nove anos viveu na estância da família, passando, a partir de então, a frequentar a vida escolar em Pelotas. O que se percebe através de sua biografia e de alguns escassos depoimentos é que o escritor quando criança não só estava inserido no mundo campeiro como o amava. Em sua futura produção literária aparecerão traços de sua infância passada em contato direto com a natureza e as lides da estância.

Naquele ambiente pacífico a natureza retemperou-lhe com tanta sabedoria a alma para os embates futuros, e de tal forma a modelou, que quando ele sentiu-se abismar numa vida incerta, suas faculdades afloraram numa alvorada intelectual, emergindo nas suavíssimas passagens literárias que a infância deixou gravadas nas íntimas páginas de seu coração. (MASSOT, 1974, p. 52)

Além das cenas da vida campeira, da convivência de galpão, sua obra vai carregar impressões de sua vida familiar, de seu pai, da amizade com seu irmão de leite, Simeão, filho livre de uma escrava da fazenda que viveu como agregado em sua casa na cidade, quando adulto. Com a morte da mãe, em 1876, a família desintegrou-se, suas três irmãs passaram a ser criadas por familiares, o menino João permaneceu em Pelotas, como interno no Colégio Francês. Em 1877, grandes mudanças foram operadas, ele foi estudar no Rio de Janeiro. Informações sempre apontaram para o Colégio Abílio como tendo sido sua escola na capital do Império, fato, no entanto, nunca comprovado. Sinais em sua obra podem sugerir contato com o pensamento de Joaquim José de Menezes Vieira, educador de ideias avançadas e diretor da escola que levava seu nome, mas nada está ainda claro sobre a possibilidade de nosso escritor ter estudado neste colégio. O que se especula é que entre 1877 e 1884 o jovem rapaz João Simões Lopes Neto esteve realmente no Rio de Janeiro, o que certamente deve ter influenciado sua formação intelectual. Alguns indícios levam a crer que ele fez os então denominados estudos ‘preparatórios’, o que o conduziria a algum curso superior, talvez medicina, mas também sobre isso não há comprovação. O porquê de seu retorno não é claro, como, aliás, não são muitos de seus passos. Neste retorno seu pai, através do qual era mantida viva a ligação com o mundo campeiro, se transfere para Uruguaiana, para lá tomar conta de uma propriedade da família. João Simões Lopes Neto viveu algum tempo na estância do avô, visitou o pai algumas vezes, foram anos de dedicação à leitura, ao que consta.

No ano de 1888, com apenas 23 anos, ele estreou como colaborador do jornal *A Pátria*, de Pelotas, publicando dois poemas, para em seguida criar uma seção intitulada *Balas de Estalo*<sup>1</sup>. Sempre escritas em versos e assinadas por algum João, de nome composto associado ao riso, Riforte, Ripouco, Risempre, Riduro e assim por diante, as publicações da seção eram divertidas, satíricas, sem maior compromisso. No mesmo ano adotou o pseudônimo Serafim Bemol que por muito tempo o acompanhou em suas criações para teatro e publicações em jornal. Isso ocorreu por ocasião da veiculação de uma série de crônicas intitulada *O Rio Grande a Vol d'Oiseau*. Foi ainda no periódico *A Pátria* que Simões Lopes manteve durante o ano de 1890, além da segunda série das *Balas de Estalo*, a coluna *Tesoura Hilariante*, que versava sobre temas variados do cotidiano. Fora o já citado jornal, colaborou também com o *Correio Mercantil*, com o *Opinião Pública* e com o *Diário Popular*, ambos da mesma cidade, sendo que neste último veio publicada a última série das *Balas de Estalo*, no ano de 1895.

A sua produção para teatro é bastante interessante, voltada para o público urbano, é composta por comédias de costumes que denotam traços de modernidade. A experimentação com a linguagem teatral, ou seja, o diálogo representativo da fala cotidiana que adotou em suas peças teatrais, é possivelmente um traço do que germinaria mais adiante em sua obra madura. Segundo Luís Augusto Fischer (2012), sua origem social deve ter sido determinante na escolha pelo meio teatral como expressão artística.

Do ponto de vista sociológico, nada mais esperável de um herdeiro do que o dedicar-se a um gênero prestigioso como o teatro, ou a poesia, mesmo que satírica: era por ali que os da sua classe ingressavam nas letras, muitas vezes delas passando à política, aos cargos, como foi o caso exemplar de Olavo Bilac, funcionário público que passou a funções de representação, algumas em encontros internacionais, mercê de seu prestígio como poeta, particularmente por sua poesia nacionalista. Ainda não se tinha desenhado no horizonte de Simões Lopes a hipótese, mesmo que remota, de escrever sobre cultura popular, sobre tipos gauchescos, sobre lendas da tradição oral, temas que lhe aparecerão anos depois, quando do agravamento de sua decadência social. (LOPES NETO, 2012, p.20)

No mesmo período em que se dedicou à produção teatral, aos textos para jornal, iniciou a longa série de empreendimentos, dos quais só recolheu fracassos, comprometendo até mesmo o futuro sustento de sua viúva e da filha adotiva. Em 1893 morreu o avô e o pai em 1896, duas perdas importantes para quem não tinha aptidão ou perfil apropriado para assumir compromissos de trabalho e nem dominava os meandros do comércio. Com isto fez negócios atabalhados, perdeu dinheiro, foi enganado, nem mesmo logrou sustentar o cargo de notário em tabelionato de Pelotas, função que lhe possibilitava boas condições de vida.

<sup>1</sup> 'Balas de Estalo': seção do jornal carioca *Gazeta de Notícias* que recebeu a contribuição de Machado de Assis de 1883 a 1886.

O trabalho como colaborador de jornal foi constante em toda sua vida. Em 1893 escreve sob o pseudônimo Serafim Bemol – em colaboração com Don Salústio e Sátiro Clemente de quem não se tem informações precisas –, a novela de folhetim *A Mandinga*. Composta por quinze capítulos, a novela foi sua primeira experiência em termos de ficção. Em 1895, com o fim da seção *Balas de Estalo*, estampa as páginas do *Diário popular* uma nova série chamada *A semana passada (Revistinha)*, uma espécie de revista semanal redigida sob a forma de esquetes teatrais, o que atesta a originalidade de nosso escritor. Foram apenas quatro publicações que retomavam personagens já conhecidas pelo público de sua produção anterior.

Uma nova seção seguiu-se a esta, tratava-se de *A Semaninha*, coluna que tinha por meta passar a limpo os acontecimentos da semana. Simões Lopes Neto foi quem iniciou o trabalho de escritura sendo este concluído – ao final de 1896 – por outros colegas do jornal. Os anos seguintes foram dedicados às criações para teatro, trabalho realizado no intervalo de seus inúmeros afazeres comerciais e administrativos. Neste período o pelotense dirigiu associações comerciais, participou da direção da Biblioteca Pública Pelotense, proferiu conferências em diversas cidades gaúchas, entre outras atividades comerciais variadas e na maior parte das vezes frustradas.

O ano de 1904 foi decisivo na vida de Simões Lopes Neto, o até então dramaturgo começa a despontar como um incentivador da cultura popular, um homem preocupado com questões relativas à educação e que ambiciona atingir o universo escolar através de uma obra que contribuísse com a formação de jovens à medida que apresentasse valores cívicos e patrióticos aliados à preservação de suas origens. Para Luís Augusto Fischer (2012), a vida de Simões Lopes Neto se divide em duas fases:

(...) mais ou menos entre 1884 e 1904 (entre os vinte e os quarenta anos de idade), temos um empresário ativo e um dramaturgo com notável vocação para a comédia ligeira; depois disso até sua morte, em 1916, temos um derrotado econômico e um devoto da cultura popular, particularmente aquela de origem rural. (LOPES NETO, 2012, p.24)

No ano supracitado o autor pelotense proferiu uma conferência na Biblioteca Pública de Pelotas denominada “Educação cívica – Terra Gaúcha (Apresentação de um livro)”, na qual expos seu plano editorial e literário que visava o leitor escolar. De conteúdo cívico – como explicita bem desde o título e seguindo o movimento feito por muitos autores nacionais que difundiam preceitos nacionalistas – a palestra aponta para estas diretrizes, para em seguida fazer uma referência à matéria local e à edição de um livro. Na referida palestra são citadas as obras de cunho patriótico *Educação Nacional*, de José Veríssimo (1890) e *Por que*

*me ufano de meu país*, de Afonso Celso (1900), que serviriam de inspiração para o autor. Além destas, como inspiração maior, aparece *Cuore* (ou *Coração*), obra do italiano Edmondo De Amicis, escrita em 1886 e caracterizada pelo desejo de seu autor de prestar um serviço ao seu país incutindo nos jovens leitores valores morais e sociais, sobre os quais deviam ser construídos os pilares da Itália moderna pós-unificação.

Seguindo, portanto, o curso dos acontecimentos protagonizados por autores da época que se dedicavam à tarefa de propagação de ideais cívicos através da publicação de livros para uso pedagógico, Simões Lopes Neto passou a se dedicar ao seu próprio projeto literário – a concepção de um livro voltado ao leitor escolar ou que de alguma maneira cumprisse o propósito de educar–, no qual noções de unidade nacional estivessem interligadas às peculiaridades regionais. Até onde se sabe tal projeto nunca chegou a ser de fato totalmente efetivado, em torno desta produção, que em parte foi realmente concebida, encontramos sempre informações desencontradas, acompanhadas de muitas suposições. O certo é que o escritor tentou a aprovação de um livro de feição didática, que, no entanto, não recebeu a acolhida dos órgãos estaduais.

A partir de 1910 vem à luz suas obras máximas, *Cancioneiro guasca*, no ano citado, *Contos gauchescos*, em 1912, e *Lendas do Sul*, em 1913. O autor em sua maturidade encontrou no que foi parte substancial de sua formação o material primordial de suas criações literárias. Ao dar a voz a Blau Nunes, o narrador de *Contos gauchescos*, para que este relate episódios de sua memória, possibilitando que o velho gaúcho use recursos linguísticos próprios de seu meio, o inventivo escritor inseriu o mundo campeiro em um texto que encontra o ponto certo entre o culto e o popular.

Mesmo no auge de sua criação literária Simões Lopes Neto não se afastou da produção para jornal, até porque, era muitas vezes desta atividade que retirava o seu sustento e o de sua família. O neto do Visconde da Graça perdeu seu patrimônio ao longo dos anos, dizimou a herança paterna através de sucessivos enganos comerciais; as atividades de professor e de colaborador de jornal eram a garantia de sobrevivência, mesmo que frugal. A maioria dos contos que compõem a obra *Contos gauchescos* foi antes publicada em jornal, assim como algumas das lendas que fazem parte do livro *Lendas do Sul*.

A produção, todavia, não se resumia a isso, artigos dos mais variados assuntos eram veiculados sob seu nome ou pseudônimos. É nesta fase, aliás, que um novo pseudônimo toma corpo: João do Sul. É sob o suposto nome que Lopes Neto responde, por exemplo, à imprensa católica que denegria a figura de Giuseppe Garibaldi, chamando garibaldinos aos maus-elementos e aos criminosos. Também assinando João do Sul, o pelotense escreveu artigos de

divulgação erudita: *A Trindade Científica* demonstrou sua filiação à teoria evolucionista através de textos sobre Lamarck, Darwin e Haeckel.

Em meio à organização e publicação da obra *Lendas do Sul*, nosso escritor estava preocupado não só em discutir sobre temas elevados, seu gênio inquieto e perspicaz quis trazer à luz o mundo da gente simples, da periferia pobre da cidade de Pelotas, da crueza das mazelas sociais. Assim surgiu a seção *Inquéritos em contraste*, coluna assinada também por João do Sul, na qual é possível identificar quadros de certa forma críticos em relação à realidade social pelotense aliados a traços de humor. A seção vinha publicada no jornal *Opinião Pública*, vespertino audacioso que em muitas ocasiões esteve envolvido em questões polêmicas. *Inquéritos* foi veiculada durante o inverno de 1913, ao mesmo tempo em que o escritor planejava a obra *Casos do Romualdo* e escrevia artigos diversos. No mesmo *Opinião Pública* Simões Lopes publicou a seção *Temas Gastos*, também assinada por João do Sul

*Casos do Romualdo*, de publicação póstuma (1952), foi escrita nos últimos anos de vida do autor. João Simões Lopes Neto faleceu em Pelotas, com apenas 51 anos, em 1916, distante da vida confortável da Estância da Graça, em uma pequena casa alugada, deixando esposa e filha adotiva em situação econômica precária. Também póstuma é a obra *Terra Gaúcha*, um volume sobre história do Rio Grande do Sul que Simões deixou inacabado e que foi publicado 1955, mas que a princípio não tem ligação maior com a obra de mesmo nome publicada recentemente, em 2013. Entretanto, tem cabimento pensar que fizesse parte do ambicioso projeto de cunho pedagógico idealizado pelo autor.

A falta de informações mais pontuais e a aparente desorganização do autor em relação à sua produção de um modo geral são fatores determinantes para que não saibamos com clareza como de fato foram pretendidas e concebidas suas obras. Sua viúva, em parte por não possuir recursos financeiros, não teve condições de manter seu acervo. Sua biblioteca foi colocada à venda, escritos inéditos pararam dentro de uma pequena mala, alguma coisa se extraviou, dados preciosos sobre o autor foram perdidos ou esquecidos. Quis o destino que parte do projeto pedagógico alcançasse nossos dias: os manuscritos dos livros escolares *Terra gaúcha – Histórias de infância* e *Artinha de leitura* vieram a público permitindo que se conhecesse com mais apuro esta faceta do grande escritor pelotense, a de homem sintonizado com seu tempo, ou mais, que se antecipou em muito à maioria dos intelectuais da sua época.

## 2 A criação literária

O tema educação aliado ao resgate e preservação da tradição, da cultura de transmissão oral permeia grande parte da obra simoniana, demonstrando a inquietação do autor frente ao processo formativo do leitor nos momentos iniciais da recém constituída República. A já citada conferência proferida por Simões Lopes Neto na Biblioteca Pública Pelotense, em 1904, francamente inspirada na obra *A educação nacional*, de José Veríssimo, pode ser considerada o ponto de partida de seu plano editorial de fundo pedagógico. Em decorrência de percalços econômicos o escritor trabalhou como professor em escolas de Pelotas, talvez tenha sido este o fator desencadeador de tamanho interesse por questões da educação. Várias ações suas são conhecidas, mesmo que careçam de informações mais precisas. Existia o projeto de um livro, o autor afirmou na referida conferência sua intenção de escrevê-lo aos moldes da obra italiana *Cuore*, mas revestindo-o de cenas nacionais:

Um livro em que eu pudesse lançar golpes de luz, de gratidão e amor sobre a imensa tela do Brasil, mas, entoando a glória excelsa pátria...como um passarinho que voeja por todo o jardim, e que tem o seu galho predilecto na roseira mais amiga e ahi desfere o canto, repousado, assim eu me prendesse mais detidamente ao meu Estado natal. Era um livro assim, em que se concretisasse a tradição, a história, o ensinamento cívico e as aspirações pátrias, que eu dedicaria, mais vibrante hausto da minha pobre vida, a terra riograndense, mãe de raça forte, tumulto de ossadas venerandas, berço de incomedido patriotismo. Um livro que vivesse no rancho das margens do Uruguai e no palácio das plagas do Oceano; e que das suas páginas simples e sinceras, fulgisse nítida e vivaz, amorosa, exemplificadora e saudosa, a plaga dos pampas, o berço dos Farrapos, a "Terra Gaúcha!!!" (LOPES NETO in TAMBARA, ARRIADA, 2009, p.325)

O incansável e moderno Simões Lopes Neto não sossegava em seu gênio inventivo, noutro lampejo de criação compôs a singela cartilha *Artinha de leitura – dedicada às escolas urbanas e rurais*, inspirada, muito provavelmente, na *Cartilha maternal ou Arte da leitura*, do português João de Deus, que circulava desde 1876 entre os estudantes brasileiros. Tentou publicá-la, mas não obteve sucesso em seu intento. Seu livro não foi aprovado pelo Conselho de Instrução Pública do Estado para uso nas escolas primárias, ao que consta por apresentar uma ortografia simplificada – o escritor sempre despontando à frente –, fato que lhe trouxe certo desânimo. Sobre isso e sobre iniciativas ligadas à tradição gaúcha, diz sua sobrinha Ivete Massot:

João Simões parecia advogar, vibrante de entusiasmo, a propaganda do nosso folclore e dos costumes do Rio Grande. Era tão grande o seu amor pelo chão, que fundou em Pelotas o primeiro Centro de Tradições Gaúchas e esse livrinho gauchesco teria o poder de prender a atenção da garotada, como o teve de fascinar as suas sobrinhas, que brigavam pelo único exemplar. E eram dois, aliás, mas o outro havia tomado o rumo do Ministério da Educação, onde teria o destino do primeiro: "Rejeitado". Um dia meu dindo entregou-me uma tesoura, dizendo: – Minha filha, faze destas figurinhas, o que quiseres... Recortei as belíssimas, "prendas" e gauchinhos feitos por ele, feliz da vida, porque nos meus primeiros anos sentia um prazer imenso em picar papel. Quando ele viu bem mutilada a sua obra, disse à esposa: –

Graças a Deus, Velha, este livro teve o poder de dar alegria a uma criança... (MASSOT, 1974, p. 133)

Após a recusa de publicação de seu manual de alfabetização, João Simões Lopes Neto organizou um conjunto de cartões postais utilizando o material iconográfico da obra rejeitada. A série denominada *Brasiliiana* era de alta qualidade, ao menos em sua primeira tiragem, mas mais uma vez o resultado não foi o esperado. Não desistindo de sua cruzada pela educação, o escritor peregrinou ainda por diversas cidades do estado na tentativa de popularizar a educação no Rio Grande do Sul. Por ocasião do centenário da cidade de Pelotas idealizou a “Semana Centenária”, conclamando estudantes a realizar uma série de atividades comemorativas.

Por algumas reviravoltas e acontecimentos mais recentes surgiram notícias de *Terra Gaúcha - Histórias de Infância*, a obra cuja inspiração foi o *Cuore*, de Edmondo De Amicis, e da *Artinha de leitura*, a cartilha de alfabetização acima citada. A professora e historiadora Helga Piccolo folheava um velho livro comprado em um sebo quando uma pequena caderneta escrita à mão em forma de cartilha caiu a seus pés, a *Artinha* que fora rejeitada pelo órgão público simplesmente estava no meio das páginas de tal livro. A professora resolveu doá-la à Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), cidade em que Simões nasceu e viveu, e agora está cedida em comodato ao Instituto Simões Lopes Neto, naquela cidade.

A obra *Terra Gaúcha – Histórias de infância*, por sua vez, veio a conhecimento público por meio da biografia do autor escrita por Carlos Francisco Sica Diniz e publicada em 2003. Sica Diniz viu o material ao visitar o jurista pelotense Mozart Russomano, o exemplar estava na já citada pequena mala onde pararam escritos do autor após sua morte. O jurista a havia herdado da viúva de Simões em reconhecimento por ajuda prestada em um processo de obtenção de pensão. Talvez por uma avaliação precipitada de seu conteúdo por parte de Russomano, ou quem sabe pelas repetidas queixas feitas pela viúva do autor que atribuía à atividade literária parte da culpa pela decadência social do casal, o fato é que ambos decidiram mantê-lo em segredo.

Adquirida pelo bibliófilo Fausto Domingues após a morte do jurista, a mala que continha os manuscritos teve por fim a valorização merecida: os dois livros foram, enfim, editados. Com organização e revisão de Luís Augusto Fischer, os manuscritos de *Terra Gaúcha* (estes incompletos) e da *Artinha de leitura*, obras escritas provavelmente entre 1904 e 1908, foram publicados em 2013 em dois primorosos volumes, exatamente como foram concebidos por Simões Lopes Neto.



*Terra gaúcha* é, sem dúvida, o embrião da obra madura de Simões Lopes Neto. Nela estão presentes o mundo campeiro de sua infância, aspectos da história do Rio Grande do Sul, relatos populares e lendas, ou seja, os componentes basilares de suas obras posteriores. O livro é composto por duas partes, “As férias, na estância” e “O estudo, no colégio”. Tal como o *Cuore* é escrito na forma de um diário e inicia com o relato feito pelo menino Mayo da inauguração do Colégio Municipal, na cidade. Em seguida, ele e sua família dirigem-se para a estância, onde se desenvolve toda a primeira parte. O menino é incentivado pelo pai a escrever o diário, para que no futuro saboreie suas lembranças. A escola será retomada no segundo tomo, “O estudo, no colégio”, passando a ser a partir daí o centro da narrativa. Na primeira parte, a da temporada de férias no campo, o menino descreve costumes e hábitos da vida rural, e mais, explica sobre medidas agrárias, esclarece significados de termos como gaúcho, monarca, expõe as atribuições de um capataz, conta detalhes sobre sua família, valorizando os laços não só familiares, mas também de amizade. Um destes laços é conferido através da presença da personagem siá Mariana, uma antiga agregada da estância, contadora de histórias, personagem que torna possível a inserção de algumas lendas e relatos da tradição oral, mescladas à ficção. Todo este universo vem entremeado de reflexões sobre como proceder diante das mais variadas situações, tudo sob a ótica infantil, o que torna a narrativa suave e singela.

O propósito de Simões Lopes Neto era escrever um livro que fosse portador de valores cívicos, que valorizasse as coisas da terra não deixando de inseri-las em um contexto mais amplo, o nacional. Mesmo que *Terra Gaúcha* não tenha sido finalizada, fica a impressão de que Simões Lopes Neto estava no caminho certo para atingir seu intento; examinando o corpo da obra é possível verificar que os pontos citados como primordiais para que um livro escolar realmente contribuísse para a formação dos jovens brasileiros estão presentes; tradição, história, ensinamento cívico e aspirações pátrias são os aspectos citados na conferência proferida em 1904, e estes permeiam a obra do pelotense. Uma questão adquire grande relevância em toda a segunda parte de *Terra Gaúcha*: a reflexão sobre o ato de ensinar. O foco desta recai sobre uma educação menos rígida, que ressalte a participação dos alunos e valorize suas diferenças; o que vem a fortalecer a ideia de que Simões Lopes Neto era realmente um sujeito de ideias avançadas.

Um exemplo claro do desejo do escritor de discutir sobre o valor da escola está no trecho em que Mayo, o menino protagonista diz ao amigo Juca, o capataz, que seria bom se “fosse peão da estância, porque, então, não iria mais para o colégio” (LOPES NETO, 2013, p.22). O amigo imediatamente pondera sobre a importância da educação, o que demonstra a

preocupação do autor pelotense em imprimir na sua obra questões referentes à instrução no Brasil:

— Não diga barbaridades! Pois então você não quer ir aprender, não quer saber muito, todas as cousas, falar a língua dos estrangeiros que vivem nos embuçalando, saber como eles fazem as mecânicas que nos impingem, nos rasqueteando os patações; então não quer conhecer as manhas e cavorteiradas deles e as outras novidades do mundo; então não quer saber como é que se faz estradas de ferro, e as máquinas, o fio elétrico, os navios a vapor, o pano que a gente veste e a louça e os remédios, o papel das cartas e as armas de fogo e as enxadas e os arados, e quantas outras endrominas que há por esse mundo de Cristo? Com que então... não quer? Não quer estudar e quer ficar aqui, como peão da estância!... Ora, doutorzito, tire o cavalo da chuva! Se todos pensarem assim, vai ser bonito: vamos andar como o caranguejo, que caminha para trás... Você nem pode ainda fazer uma ideia do que é o homem que não sabe nada de nada; é uma tristeza, uma vergonha, é até uma desmoralização. Um gaúcho ignorante como eu, que mal sei ler e fazer as quatro contas e mal firmo o meu nome, é uma [...]; agora imagine um pobre peão, coitado, que nasce, vive e morre numa vida de bicho bruto! Amigo: quem dera que houvesse uma escola na porteira de cada estância! Até eu, de barbas brancas e já duro dos miolos, até eu, voltava lá, para aprender de novo e mais. (LOPES NETO, 2013, p.22)

A cartilha *Artinha de leitura* traz as reflexões do autor sobre o processo educativo a partir de uma visão humanitária, de valorização do trabalho do professor e da participação dos alunos. Se levarmos em consideração que naquele momento o uso da palmatória em sala de aula era comumente aceito, a sugestão, por exemplo, de que o professor agisse com brandura, era uma inovação:

Quaisquer explicações, devendo ser suficientes, devem também ser breves e só referentes ao caso. A atenção do aprendiz deve-se obter por meio da brandura e do interesse amistoso, não só pelo uso da autoridade. (p. 88) (...) Nada de impaciência; atenda que o aprendiz pode ser timorato, estar desatento, fatigado; anime-o estimule-o brandamente. Não impor: convencer. (LOPES NETO, 2013, p.130)

A proximidade com o pensamento do educador Joaquim Menezes Vieira transparece ao longo da pequena cartilha de Simões Lopes. O primeiro foi diretor de escola no Rio de Janeiro por treze anos, notabilizando-se por seu caráter inovador: foi ele que, em conjunto com a esposa, introduziu no Brasil, em 1875, o *kindergarten*, ou Jardim de infância. Além disto, esteve envolvido com a educação de surdos-mudos, escreveu livros para escola aos moldes de seu contemporâneo – mas não tão arejado – Abílio César Borges, idealizou materiais didáticos e mobílias escolares variados, mas, sobretudo, dirigiu sua escola orientando-se pelo que havia de mais moderno em termos pedagógicos. Menezes Vieira viajava constantemente à Europa com fins de aprimoramento profissional, visitando as mais atualizadas escolas de países como França, Itália, Alemanha, Suíça, Bélgica, trazendo de lá novos conceitos em matéria de educação.

No Rio de Janeiro alcançou grande reconhecimento: recebeu diversos prêmios nas Exposições Pedagógicas – muito em voga à época – e nas célebres Conferências Populares da

Freguesia da Glória, tudo nas décadas 1870-80. (Há que se chamar a atenção que neste período nosso escritor esteve no Rio de Janeiro por conta de sua formação intelectual.) O contato sugerido neste trabalho de Simões Lopes Neto com Menezes Vieira – ou com sua obra – ganha mais força ao ser examinada com cuidado a pequena cartilha idealizada pelo pelotense. Ao final da mesma, por exemplo, o atento escritor se dirige aos mestres em surpreendente texto que não causaria estranheza se compusesse alguma obra didática mais atual. As palavras endereçadas aos professores que utilizariam a *Artinha* tornam visível a dimensão do pensamento avançado do escritor pelotense, ideias que se combinam naturalmente com as advogadas pelo educador carioca.

(...) O aprendiz lerá para si cada período, e depois em voz alta, com toda a correção, explicará em seguida o que leu. Exercite-o a escrever sob ditado; a leitura muito aproveitada com o auxílio da escrita. Ler corrido não é ler com rapidez. (p.108)(...)Atenda a que o progresso do aprendiz obedece à lei do ritmo: em algumas lições ele aproveita, adianta-se; em outras parece estacionar; não haja, pois, exigências demasiadas. O ensino da leitura, ao princípio, oferece sérias dificuldades; não apure o iniciando; logo que ele aprenda o mecanismo da silabação, os resultados serão surpreendentes. (LOPES NETO, 2013, p. 143)

Menezes Vieira, no livro didático que leva o longo título *Noções de Gramática, Exercícios da língua materna. Invenção, Disposição, Elocução, Ortografia, Redação*, trata do mesmo assunto e baseando-o em princípios similares “o educador verificará previamente por meio de perguntas se o educando compreendeu a leitura; o educando lerá atentamente a segunda história que procurará reproduzir de viva voz e por escrito (...)”. (BASTOS, 2002, p.222) Além dos trechos acima citados, os quais de fato reforçam a ideia de contato de Simões Lopes Neto com a obra do importante educador Joaquim Menezes Vieira, outra ideia de material didático é pelos dois partilhada: a série de cartões idealizada por Simões, a já citada *Brasiliiana*, segue o modelo dos *Prêmios instrutivos* de Vieira, que “são cartões ilustrados e destinados ao estudo da geografia geral e do Brasil, das artes industriais, dos homens célebres” (BASTOS, 2002, p.237).

Foram anos de dedicação ao projeto pedagógico que ficou incompleto, contudo, a fase mais profícua de sua produção literária estava ainda por vir. Em 1910 Simões Lopes Neto escreve *Cancioneiro Guasca*, obra que caiu no gosto do público e consiste em compilação de produção de cunho popular do Rio Grande do Sul. Segundo Augusto Meyer (2003), o *Cancioneiro*:

é mais que uma obra útil e só poderia ter sido elaborado com grande esforço; o admirável regionalista, colecionando e transcrevendo, foi o primeiro a reunir com método material que andava esparso e salvou muita coisa, fixando em letra de forma boa parte da tradição oral ameaçada de esquecimento. Classificou a matéria colhida em dez capítulos, Antigas danças,

Quadras (descantes e desafios), Poemetos, Poesias, Trovas cantadas ao som do Hino Farrapo, Poesias históricas, Desafios, Dizeres, Diversas, Modernas. (SICA DINIZ, 2003, p. 178)

No seu prefácio, nomeado *Pró-memória*, o autor pelotense demonstra seu apreço pelo valor documental do texto que é uma forma de reconhecimento da tradição.

Como uma velha jóia, pesada e tosca, que a moda repulsa e entende arcaica, assim a antiga estirpe camponesa que libertou o território e fundou o trabalho social no Rio Grande do Sul, assim, essa – velha jóia pesada e tosca – acadinhada pelo progresso transmutou-se. Usos e costumes, asperezas, impulsos, e, logo, aspirações, tão outras que as primevas e incompassíveis formam, agora, diferente maneira de ser dos descendentes dos continentistas. Nada impede, porém, que, carinhosa, a filial piedade procure construir um escrínio onde fulgir possa o metal – duro e puro – que é herança sua. Seja este livrinho o escrínio pobre: mas, que dentro dele resplandeça a ingênua alma forte dos guerrilheiros, campesinos, amantes, lavradores; dos mortos e, para sempre, abençoados Guascas! (LOPES NETO, 2003, p.17)

O *Cancioneiro Guasca* sofreu modificações, algumas lendas que faziam parte desta obra passaram a formar o conjunto de *Lendas do Sul*, de 1913. Sua segunda edição, datada de 1917, portanto póstuma, apresenta uma *nota*, na qual a versão é considerada pelo autor como definitiva, justificando as escolhas de manter ou eliminar algumas produções. O pelotense se refere aos versos e cantos populares comuns a outras regiões do país e que incorporaram traços típicos regionais. A revisão da obra por parte do escritor, pouco antes de sua morte, vem comprovar a tentativa constante de aprimorar o trabalho realizado.

Tendo tido este *Cancioneiro* o melhor acolhimento por parte do público, apresentamos uma segunda edição definitiva, dando à publicidade grande número de produções de cunho rio-grandense, de origem popular, que não conseguíamos incluir na primeira. É enorme – e por aí anda esparso – o curioso acervo poético ora ingênuo, ora engenhoso, ora altivo, ora planejante – mas sempre característico – que os avós nos legaram; fora pena que perdessem os elementos do, – talvez, mais rico contingente do cancionero popular do Brasil. (...) Ao capítulo III, dirão os competentes sobre as – quadras – que conviria eliminar, por serem alheias à nossa maneira; conservamo-las, por achá-las incorporadas nos descantes locais em geral. (LOPES NETO in SICA DINIZ, 2003, p.179)

Simões Lopes Neto também indica na *nota* as fontes de pesquisa que possibilitaram sua compilação. É muito interessante verificar o trabalho não só de pesquisa bibliográfica, mas também de campo que fez o autor.

De muitas fontes temo-nos socorrido para organizar este trabalho; como principais o 'Anuário do Rio Grande do Sul' (Graciano A. Azambuja), 'Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul' (Alfredo Ferreira Rodrigues), 'Almanak Popular Brasileiro' (editores Echenique Irmãos e Cia); e além de matéria colhida em vários escritores, tivemos o concurso espontâneo de numerosas pessoas respeitáveis que se prestaram gentilmente a rebuscar na memória adormecida o saudoso recordar que a muitas fez parar em meio à recitação... a muitas fez umedecer os olhos... ou já sorrir!... (SICA DINIZ, 2003, p.180)

Nos anos seguintes vieram a público suas obras mais importantes: *Contos Gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913). O autor em sua maturidade encontrou no que foi parte

substancial de sua formação o material primordial de suas criações literárias. Ao dar a voz à Blau Nunes, o narrador de *Contos gauchescos*, para que este relate episódios de sua memória, possibilitando que o velho gaúcho use recursos linguísticos próprios de seu meio, o inventivo escritor inseriu o mundo campeiro em um texto que encontra o ponto certo entre o culto e o popular. Segundo Luís Augusto Fischer (2012), a grande conquista literária de Lopes Neto se dá através do acerto na linguagem dos *Contos Gauchescos*:

Estruturalmente, podemos dizer que a linguagem que conseguiu organizar é, ao mesmo tempo, (1) suficientemente próxima da fala, no léxico e na pontuação expressiva usada com abundância, tanto quanto na arquitetura narrativa (o que dá ao conjunto narrado uma extraordinária semelhança com a fala popular do mundo enfocado), e (2) suficientemente próxima da escrita culta, na sintaxe e na ortografia (o que, de sua parte, confere ao texto uma especialíssima mas sólida filiação à literatura culta). Daí a fluência e a força do seu texto. (LOPES NETO, 2012, p. 53)

Dos dezoito contos que compunham a primeira edição do livro, treze já haviam sido publicados no jornal *Diário Popular*, de Pelotas; fato ocorrido também com algumas de suas lendas – posteriormente reunidas em *Lendas do Sul* –, assim como com "A recolhida", conto que faz parte da obra *Terra Gaúcha*. A terceira edição dos *Contos Gauchescos* (Editora Globo, 1949) incluiu "O 'menininho' do presépio", publicado no jornal *A opinião pública*, em 25 de dezembro de 1913, e que, segundo consta, deveria tomar parte de uma segunda série de contos.

O comportamento desassossegado, inconstante, mas também altamente produtivo de Simões Lopes, refletiu em sua obra e, de certa forma, criou alguns entraves que deixam dúvidas sobre a concepção de sua produção literária. Notícias dão conta que o escritor entregou seus contos à Editora Livraria Universal, de Echenique Irmãos & Cia, de Pelotas, sem nenhuma ordem estabelecida. Isso nos leva a crer que não necessariamente a ordem que conhecemos é a por ele idealizada; ou mesmo, deixa dúvidas se havia ou não uma ordem a ser seguida; ou se, ainda, a apresentação geral já existia anteriormente. O que realmente importa, no entanto, é a estratégia narrativa adotada pelo pelotense que insere as histórias contadas por Blau Nunes, o vaqueano, dentro de um percurso geográfico ficcional, legitimando sua condição de homem de larga experiência e conhecedor da história e costumes gaúchos.

Em 1913 vem à luz *Lendas do Sul*, que contém algumas lendas escritas de maneira extensa e outras apenas mencionadas ligeiramente. Luís Augusto Fischer (2012) sobre a obra diz que:

Com este livro e seu peculiar arranjo – que contém três lendas extensamente desenvolvidas literariamente e quinze outras lendas apenas anotadas (algumas com nada mais que poucas linhas, contendo o mínimo do mínimo do enredo), como que para posterior desenvolvimento –,

se pode ver que para o escritor não havia trabalho pronto, ou, por outra, para ele a literatura era sempre, como diria muitos anos depois parte da vanguarda europeia e norte-americana, *work in progress*, trabalho em execução, nunca trabalho tido como pronto. (LOPES NETO, 2012, p. 41)

E Fischer (2012, p.41) acrescenta com apuro sobre o caráter de Simões Lopes Neto: “Arriscando um comentário sobre o temperamento do autor, a mistura do livro parece ser fruto de pressa com vontade de compartilhar, mais um relativo desleixo para com as formalidades.”

Simões Lopes Neto parecia querer abarcar um vasto universo cultural, mesclando tradição oral (o registro folclórico no sentido de preservar a memória popular e de traduzir o próprio sentimento de pertencimento ao seu lugar de origem) a ideais de formação do leitor (as lendas são acompanhadas de variadas notas de cunho didático). As três lendas desenvolvidas são "Mboitatá", "A salamanca do Jarau" e "O negrinho do pastoreio", sendo que na segunda Blau Nunes participa como personagem. O autor abre a obra com uma *nota* na qual esclarece sobre a formação do Rio Grande do Sul e a origem das três lendas citadas; para ao final refletir sobre seu trabalho.

A estrutura de tais lendas perdura: procurei delas dar aqui uma feição expositiva – literária e talvez menos feliz – como expressão da dispersa forma por que a ancianidade subsistente transmite a tradição oral, hoje quase perdida e mui confusa: ainda por aí se avaliará das modificações que o tempo exerce sobre a memória anônima do povo. (LOPES NETO, 2012, p.242)

Na primeira parte da já apontada *Terra Gaúcha*, "As férias, na estância", apareceram pela primeira vez as lendas "Mboitatá" – naquele momento denominada "O boi-tatá" – e "O negrinho do pastoreio". As duas histórias foram contadas por Siá Mariana, a agregada da estância, velha mestiça, conhecedora da cultura popular. Em dezembro de 1906 a lenda do pequeno negrinho foi publicada no *Correio Mercantil* com dedicatória a Coelho Neto que estava em visita à cidade de Pelotas. O prestigiado escritor respondeu publicamente, através do mesmo veículo, em breve carta carregada de estímulo à tarefa realizada por Lopes Neto. Em novembro de 1909 foi a lenda "Mboitatá" que gerou outra manifestação do escritor maranhense; após a publicação no mesmo jornal pelotense, Coelho Neto enviou algumas linhas ao nosso escritor.

Meu caro Simões L. Neto. Agradeço não me haveres esquecido com a tua amizade e com o teu talento. A lenda da "Boitatá", também conhecida dos nossos sertanejos, com variantes que muito a diferenciam da que escreveste, deve figurar no folclore gaúcho, onde já cintila, acesa por ti, a velinha do "Negrinho do pastoreio", a cuja claridade puseste meu nome. Prossegue, porque fazes trabalho de valor e muito me alegro por haver insistido com a tua modéstia para que continuasses a colher, aqui, ali, essas flores eternas da Poesia do povo, fazendo com elas o

ramo que será um encanto para todas as almas e glória do teu nome. Abraço-te, teu Coelho Neto. (LOPES NETO, p. 243)

Em junho de 1914, Lopes Neto declara em carta ao amigo e também escritor gaúcho Alcides Maya que pesquisara com atenção sobre "A salamanca do Jarau" e as demais lendas de seu livro: "Sobre ela e as demais do volume, procurei fazer um trabalho consciencioso, coligindo, buscando, cotejando os escassos elementos que me foi possível angariar" (2012, p. 41).

*Casos do Romualdo*, também concebido em 1913, foi publicado como livro somente em 1952, com organização de Carlos Reverbel, mas seus 'causos' foram publicados de maneira esparsa em jornais pelotenses, em especial no *A Opinião Pública*, jornal em que o escritor, à época, ocupava o cargo de redator. O conjunto apresenta uma introdução interessante na qual Simões Lopes Neto explica ao leitor qual vem a ser o propósito de seus escritos.

Leitor! Entendamo-nos desde já: É possível (o autor ignora-o), que haja coletânea semelhante, anterior, nacional; se existe, para melhor bem, que supere a atual no conteúdo e na forma! Em assunto populário (folk-lore diz-se, elegantemente, nas altas letras...), o registro comporta o pueril conto, o esborcinado do dizer e a ingenuidade do ouvinte. O merecimento deste livro subsiste na paciência com que ele foi coligido; falta-lhe a relevância artística, é certo; fora porém crueza destroçá-lo por esse pecado. Destinado à leitura entre golpes de coisas sérias, aos homens graves entediará; pois – e lhes não advirá mal, por isso –, demo-lo então aos frívolos e, destes, aos mais elevados: às crianças. Patranhas por patranhas... que se não diga que até nisso falta-nos prata em casa!... Fica entendido, pois não? (LOPES NETO, 2003, p. 477)

Embora o jornal consumisse boa parte de seu tempo e sua saúde não mais colaborasse, Simões Lopes Neto continuava empenhado em produzir literatura.

Apesar da doença que debilitava o escritor e que o privava, de tempo em tempo, do desempenho das tarefas cotidianas, tirando-o de circulação, eram tempos de tranquilidade e criação literária. "–Tenho a impressão de estar entrando num período de paz, para realizar o meu sonho". E conversando com a irmã, acrescentava: "– Escrevendo, escrevendo... Fiz como Blau Nunes: tracei sobre o peito uma cruz larga de defesa e fiquei com o coração aliviado, retinindo, como se dentro dele cantasse o passarinho verde..." Aqui, Simões Lopes referia-se àquele momento em que o tapejara, renunciando às onças de ouro que se multiplicavam pela magia da fumaça encantada, prefere, na pobreza, comer em paz o seu churrasco, e em paz a sua sesta, em paz o seu mate, em paz sua vida. (SICA DINIZ, 2003, p. 219)

Em seu trabalho para o jornal *A Opinião Pública*, na coluna denominada *Inquéritos em contraste*, o escritor que revelava interesse sobre a vida dos homens simples do campo, empenha-se em tratar de temas ainda hoje relevantes – a vida do homem empobrecido da cidade, as diferenças sociais, o descaso com as periferias –, e alia aos artigos de viés crítico alguns quadros humorísticos. E cabe citar, também, que anteriores aos artigos da referida coluna, Simões Lopes Neto escreveu cinco textos que apareceram nas primeiras páginas do

jornal e que versavam sobre Lamarck, Darwin e Haeckel; e o fez com desenvoltura e em linguagem simples, duas de suas maiores características. Em 10 de junho de 1913 a coluna *Inquéritos em contraste* foi apresentada ao público por seu autor.

Nestes rápidos 'Inquéritos' vamos tão somente esmiuçar a nossa pequena vida-social-provinciana, pacata, de dedo no nariz, dada a fazer nós no lenço, e do mesmo passo sustentando certas graças do espírito; certo saber 'moer' dinheiro, não espantadiça de uns tantos rasgos largos, provindos de além; e gestos e tons e procederes que se têm adaptado e proliferado e aí vão medrando, que é um gosto examiná-los... O contraste deles está em que as causas e os efeitos, que parecem repelirem-se, são eles lógicos que aparentando discordância reforçam-se em íntima concordância. Pelotas, a cidade franciscana, se há que invocar a égide do seu padroeiro, a Princesa do Sul, se atentarmos na doçura de um velho e amável engraçamento, Pelotas, a centenária, se nos recordarmos da comemoração de há um ano, Pelotas tem também as suas abóbadas iluminadas sobre subterrâneos escuros... Apenas perceptíveis, é certo, umas e outros; tudo é relativo: nem pretendemos arvorar argueiros em cavaleiros. E para falar bem à moderna, diremos que na 'tela' destes inquéritos só correrão 'fitas' apanhadas do natural. A 'Inana' já passou; aqui vai começar agora é um interrogatório à cidade. (LOPES NETO in SICA DINIZ, 2003, p. 221)

A segunda coluna, do dia 12 de junho, inicia com "A caminho dos subterrâneos!..." (SICA DINIZ, p. 221), evidenciando a intenção de Simões Lopes de trazer à luz embates sociais e demandas da população pobre e mantida à margem da sociedade, na periferia da aristocrática Pelotas, da gente que vivia em cortiços e becos, e que serviu de material para suas construções jornalísticas. Mas não só isso, a 'pena' do escritor pousando no papel transformava as mazelas dos subterrâneos em breves textos literários. A coluna, no entanto, teve vida curta: de junho a agosto, totalizando dezessete publicações. Falta de interesse ou de assunto, novos projetos; era o eterno descompasso entre o intenso poder criativo e a vida real que caracterizava o escritor.

O que chamamos de plano pedagógico de Simões Lopes Neto, por não ter sido de fato totalmente concebido, e também por ter sido o autor um sujeito produtivo mas dispersivo e inconstante em seus projetos, deixa em suspenso uma série de questões sobre parte de sua obra. Em 1955, com organização de Carlos Reverbel, veio a público o anteriormente citado *Terra Gaúcha – História Elementar do Rio Grande do Sul*. Trata-se de um livro de história para leitura escolar (o que pode levar a se supor, como já dito, que estivesse de alguma maneira ligado ao plano maior), mas que não tem ligação aparente com o livro de mesmo nome lançado recentemente. Em seu *Crítério*, texto que introduz seus escritos, o autor diz sobre o livro: "Folhas humildes, livro desprezioso: Quando nada valhas, vales ao menos como um tributo de amor cívico" (LOPES NETO, 2003, p.564). Pode-se notar a intenção de Simões Lopes de estar integrado ao movimento cívico de valorização nacional que envolvia escritores de projeção – em 1898, por exemplo, Coelho Neto e Olavo Bilac publicaram um



pequeno livro sobre a história do Rio de Janeiro chamado *Terra Fluminense* –, o que demonstra o quão afinado com a produção cultural do centro do país estava o pelotense.

O livro de história de Simões Lopes inicia em 1500 e vai até 1737, data que corresponde à fundação do forte Jesus-Maria-José, hoje cidade de Rio Grande. Indícios apontam para o projeto de uma segunda parte, ideia que pode ser reforçada pelas recentes informações sobre a famosa mala em que alguns manuscritos do autor (entre estes os cadernos que correspondem ao ‘verdadeiro’ *Terra Gaúcha*) e outros pertences seus foram dispostos após sua morte: nela está um exemplar de *História Topográfica e Bélica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata*, do português Simão Pereira de Sá, que cobre o período que vai de 1737 a 1762 da história do Rio Grande. A descrição dos indígenas, da geografia, da natureza presente no pequeno livro de Simões Lopes Neto, corresponde à feita por Simão de Sá em seus relatos, o que confirma a ideia de que o autor era um pesquisador dedicado. Assim como os renomados Coelho Neto e Olavo Bilac utilizaram os relatos de viajantes franceses (André Thevet, Jean de Léry, entre outros) para contar a chegada dos europeus à baía da Guanabara, o pelotense reportou-se ao português Sá que aqui viveu por longos anos, recolhendo todo tipo de informação sobre a então Colônia de Sacramento do Rio da Prata. Ligia Chiappini comenta em seu livro, *No entretanto dos tempos*, sobre a insistência de Walter Spalding em afirmar que o autor pelotense utilizava-se de fontes não fidedignas, referindo-se aos autores platinos que o autor consultava. Ligia discorda desta opinião:

Mas, exatamente, essa independência em relação às fontes da história oficial brasileira e gaúcha dá a nota original a esta sua tentativa de historiar os primeiros tempos do Rio Grande: inverte-se a ótica, do centro para a periferia, e se tenta contar a versão meridional dessa história. (CHIAPPINI, 1987, p.116)

É indiscutível a disposição e o esforço de João Simões Lopes Neto em produzir obras que contivessem elementos representativos da terra natal; e avançando, que criassem elos entre o local e o nacional, já que, por exemplo, na singela obra *Terra Gaúcha – Histórias de infância*, estão lado a lado notícias de outros estados do Brasil. Se tivesse sido concluída, a obra certamente apresentaria um panorama do país. Pode-se notar o quanto seu gênio inventivo andava a passos largos, muitas vezes sem ser acompanhado pela realidade na qual vivia o escritor; no extremo sul do Brasil, na Pelotas de relativo requinte, mas assim mesmo, tão distante do centro cultural do país.

## Referências

- BASTOS, Maria Helena Câmara. *Pro Pátria Laborem*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003
- CHIAPPINI, Ligia. *No entretanto dos tempos*. SP: Ed Martins Fontes, 1987
- DINIZ, Carlos Francisco Sica. *João Simões Lopes Neto Uma biografia* RS: AGE/UCPEL, 2003
- FISCHER, Luís Augusto. *Vida e obra de Simões Lopes Neto*. In: LOPES NETO, Simões. *Contos gauchescos e Lendas do sul*. POA: L&PM, 2012
- \_\_\_\_\_. *Contexto e natureza de Terra gaúcha*. In: LOPES NETO, Simões. *Terra gaúcha – Histórias de infância*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013
- LOPES NETO, João Simões. *Artinha de leitura* Caxias do Sul: Ed Belas Letras, 2013
- \_\_\_\_\_. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* POA: Ed LP&M, 2012
- \_\_\_\_\_. *Obra Completa* POA: Ed Sulina, 2003
- \_\_\_\_\_. *Terra Gaúcha* Caxias do Sul: Ed Belas Letras, 2013
- MASSOT, Ivete Simões Lopes Barcelos. *Simões Lopes Neto na intimidade*. POA: BELS – SEC – IEL, 1974
- MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto*. 1º vol. POA: Martins Livreiro, 1983
- REVERBEL, Carlos. *Textos escolhidos*. Org. Cláudia Laitano e Elmar Bones. POA: Já Editores, 2006
- TAMBARA, Elomar, ARRIADA, Eduardo.– *Civismo e educação na Primeira República - João Simões Lopes Neto. História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 279-292, Jan/Abr 2009. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>

## Periódicos consultados:

*A Opinião Pública* – 1913 – Biblioteca Pública Pelotense – Pelotas – RS, em 26 de outubro de 2013